

Nos tempos da palmatória: a educação oitocentista em um capítulo de Memórias Póstumas de Brás Cubas

Danrley de Lima Santos^I

Resumo: Este artigo tem como objeto algumas características do universo escolar brasileiro do século XIX. Seu objetivo é elencar e analisar alguns desses aspectos. Toma como base um capítulo do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do escritor fluminense Machado de Assis (1839-1908), publicado originalmente em 1880, na *Revista Brasileira*. No exame do material, foi adotado o método indiciário, tal qual formulado por Carlo Ginzburg. A análise efetuada nos mostrou que a instrução pública no Brasil do oitocentos foi marcada pelo(a): a) estabelecimento de competências básicas a serem aprendidas; b) gramatização da língua nacional e sua disseminação por meio do aparelho escolar; c) adoção da técnica de lições, baseada em decorar conteúdos e repeti-los; d) uso dos castigos físicos como forma de corrigir maus comportamentos e baixo desempenho.

Palavras-chave: Século XIX; Machado de Assis; Educação Escolar.

In the days of the paddle: 18th century education in a chapter of Posthumous Memories of Brás Cubas

Abstract: This article has as object some characteristics of the Brazilian school universe in the 19th century. Its objective is to list and analyze some of these aspects. It is based on a chapter from the novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas* from Rio de Janeiro writer Machado de Assis (1839-1908), originally published in 1880, in the *Revista Brasileira*. In examining the material the evidential method such as formulated by Carlo Ginzburg was adopted. The analysis carried out showed us that public instruction in Brazil in the 1800s was marked by; a) the establishment of basic skills to be learned; b) grammatization of the national language and its dissemination through school system; c) adoption of the lessons technic based on memorizing contents and repeating them; d) use of physical punishments as a way to correct bad behaviors and low performance.

Keywords: 19th century; Machado de Assis; Schooling.

Artigo recebido em 08/06/2021 e aceito em 01/07/2021

NOS TEMPOS DA PALMATÓRIA: A EDUCAÇÃO OITOCENTISTA EM UM CAPÍTULO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

DANRLEY DE LIMA SANTOS

*Ao contar suas histórias, Machado de Assis escreveu
e reescreveu a história do Brasil no século XIX.^{II}*

Introdução

Tendo como inspiração a afirmação acima do historiador Sidney Chalhoub, esta pesquisa busca analisar alguns aspectos educacionais do Brasil oitocentista a partir de uma amostra da literatura de Machado de Assis.

Utilizamos como matéria-prima um capítulo do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado originalmente na *Revista Brasileira*, do Rio de Janeiro, em abril de 1880. No excerto, o personagem principal da trama, Brás Cubas, relembra alguns momentos de sua vida escolar. Eis o documento^{III}:

Capítulo XIII

Um Salto

Unamos agora os pés e demos um salto por cima da eschola, a enfadonha eschola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhal-as, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propicio a ociosos.

Tinha amarguras esse tempo; tinha os ralhos, os castigos, as lições arduas e longas, e pouco mais, mui pouco e mui leve. Só era pesada a palmatoria, e ainda assim... Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste o *compelle intrare*, com que um velho mestre, ossudo e calvo, me incuti no cerebro o alfabeto, a prosodia, a syntaxe, e o mais que elle sabia, benta palmatoria, tão praguejada dos modernos, quem me dera ter ficado sob o teu jugo, com a minha alma imberbe, as minhas ignorancias, e o meu espadim, aquelle espadim de 1814, tão superior à espada de Napoleão!

Que querias tu, afinal, meu velho mestre de primeiras letras? Lição de cór e compostura na aula; nada mais, nada menos do que quer a vida, que é a mestra das últimas letras; com a differença que tu, se me mettias medo, nunca me metteste zanga. Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva a mostra, barba rapada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada ininical, e chamar-nos depois á lição. E fizeste isto durante vinte e tres annos, calado, obscurso, pontual, metido n'uma casinha da rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia déste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho, - ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escripta.

Chamava-se Ludgero o mestre; quero escrever-lhe o nome todo nesta pagina: Ludgero Barata, - um nome funesto, que servia aos meninos de eterno mote a chufas. Um de nós, o Quincas Borba. Esse então era cruel com o pobre homem. Duas, tres vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças, - um das largas calças de enfiar -, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta. Se elle a encontrava ainda nas horas da aula, dava um pulo, circulava os olhos chammejantes, dizia-nos os ultimos nomes; eramos sevandijas, capadocios, mal criados, moleques. - Uns tremiam, outros rosnavam; o Quincas Borba, porém, deixava-se estar quieto, com os olhos espetados no ar.

Uma flôr, o Quincas Borba. Nunca em minha infancia, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flôr, e não já da eschola, senão de toda a cidade. A mãe, viuva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o animado, aceiado, enfeitado, com um vistoso pagem atraz, um pagem que nos deixava gazejar a eschola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas no morro do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, á toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espirito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, elle escolhia sempre um

NOS TEMPOS DA PALMATÓRIA: A EDUCAÇÃO OITOCENTISTA EM UM CAPÍTULO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

DANRLEY DE LIMA SANTOS

papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificencia nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a penna; não adeantemos os sucessos. Fugamos sobretudo desse passado tão remoto, tão coberto, ai de mim! De cruces fúnebres. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independencia politica, e do meu primeiro captiveiro pessoal.^{IV}

Na mesma perspectiva esposada por José Honório Rodrigues^V, entendemos a literatura como uma importante fonte para a História Social. Mais especificamente, considerando os objetivos deste trabalho, uma fonte fecunda para o estudo da História da Educação no Brasil.

A análise efetuada utilizou o método indiciário, formulado e praticado por Carlo Ginzburg^{VI}. Conforme esse direcionamento, o historiador precisa ter um olhar “detetivesco”. Assim, deverá, ao analisar um documento, atentar aos indícios e pistas nele presentes. Por meio desses vestígios aparentemente insignificantes, pode-se chegar a fenômenos mais amplos de uma determinada época.

O texto se divide em duas partes básicas: a primeira apresenta informações relativas à vida e à obra do autor; a segunda, por sua vez, identifica e analisa determinados traços da educação no Brasil oitocentista.

O autor e a obra

Joaquim Maria Machado de Assis foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. Nasceu a 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro, filho de Francisco José de Assis, pardo e neto de escravos e de Maria Leopoldina Machado, açoriana. Faleceu na mesma cidade em 29 de setembro de 1908 em decorrência de uma úlcera cancerosa na língua, provavelmente ocasionada por ataques epiléticos e problemas intestinais.

Ainda jovem, Machado de Assis perdeu a mãe - em 1845, quando tinha seis anos - e, algum tempo depois, a irmã. Em 1851, o pai também faleceu. Foi criado pela madrasta, Maria Inês. Em 1854, já aos 15 anos, começou a publicar poesias na *Marmota Fluminense*. No ano seguinte, 1855, entrou para a Imprensa Nacional como aprendiz de tipógrafo. Em 1860, o Bruxo do Cosme Velho passou a colaborar no jornal liberal *Diário do Rio de Janeiro*, sendo repórter do periódico no Senado. Ainda na década de 60, iniciou sua colaboração com contos na revista feminina *Jornal das Famílias*. Em 1867, nosso autor começou sua vida como servidor público. Saiu do *Diário do Rio* e foi para o *Diário Oficial*. Foi casado com Carolina Xavier Novais, portuguesa e irmã de um amigo. O escritor, ao longo de sua vida, além das crônicas em periódicos, publicou inúmeros romances e coletâneas de contos, dos quais se destacam *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Histórias sem Data* (1884), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899).^{VII}

O texto que analisaremos, como já exposto anteriormente, é um capítulo do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Disto isso, vejamos algumas características desse gênero textual.

O romance é um gênero de modo narrativo, da mesma forma que a novela e o conto – esses de menor extensão. No romance, são narrados fatos imaginários, às vezes inspirados em histórias verídicas. O centro de interesse do relato pode estar em aventuras, estudo de costumes, crítica social ou tipos psicológicos. Por ter sido publicado, em pequenos capítulos, entre março e setembro de 1880, *Memórias Póstumas* pode ser classificado como romance de folhetim, formato comum de publicação de histórias à época.^{VIII}

Memórias Póstumas também pode ser classificado como romance realista, seguindo a clássica divisão da literatura por escolas. Caracterizam o romance realista - quanto aos temas:

NOS TEMPOS DA PALMATÓRIA: A EDUCAÇÃO OITOCENTISTA EM UM CAPÍTULO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

DANRLEY DE LIMA SANTOS

as mazelas da vida pública e as contradições da vida íntima e a busca por causas naturais ou culturais para a ação das personagens; quanto à forma: maior sobriedade e rigor analítico, passando do idealizante - traço que marcou o Romantismo - para o factual.^{IX}

Aspectos do universo escolar oitocentista

As competências ensinadas nas escolas brasileiras do século XIX: ler, escrever e contar

O primeiro aspecto do universo escolar do século XIX que *Um Salto* apresenta são as competências ensinadas nas escolas primárias da época. Isso fica perceptível quando o protagonista diz: “[...] a enfadonha eschola, onde aprendi a ler, escrever, contar [...]”^X

Tais competências, fundamentais ainda hoje na educação básica, foram, no século XIX, objeto de regulamentação. Assim como a partir de 1996, marcando os novos tempos democráticos, foi instituída a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), no início do Brasil Império, criou-se uma lei geral visando à regulamentação do ensino: a lei de 15 de outubro de 1827. O seu artigo 6º é bastante elucidativo. Ele dispõe que:

Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as nações mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral chritã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Cosntituição do Imperio e a Historia do Brazil.^{XI}

Vê-se que o regulamento cita explicitamente as três competências mencionadas por Brás Cubas no capítulo aqui examinado. Cabe ainda destacar dois aspectos desse artigo: o primeiro é a obrigatoriedade do ensino de moral cristã e da doutrina católica. É necessário lembrar que a justificativa para isso se encontra no fato da religião católica ser, pela Constituição de 1824, a religião oficial do Império.

Outro traço saliente do artigo é a recomendação de uso da Constituição e da História do Brasil nas lições. D. Pedro I e seus conselheiros tinham clara noção de que a independência política - conquistada 5 anos antes - não significava efetivamente a formação de uma nação. Para que isso ocorresse, a população deveria ter claro conhecimento da principal lei que a rege e do seu passado comum.

Para além da formação da “nação”, a lei parece demonstrar a preocupação em dotar o Estado Imperial de mecanismos de controle sobre a população, tirando a responsabilidade pela instrução da esfera doméstica, e a colocando como pública. Isso possibilitaria, portanto, “a criação das condições não apenas para a existência de um Estado independente, mas, também, dotar esse Estado de condições de governo.”^{XII}

Essas considerações permitem constatar que o texto machadiano, ao citar as competências aprendidas na “enfadonha” escola por Brás Cubas, possibilita o entendimento do tipo de habilidades básicas que deveriam ser ensinadas nas escolas primárias do Brasil oitocentista.

NOS TEMPOS DA PALMATÓRIA: A EDUCAÇÃO OITOCENTISTA EM UM CAPÍTULO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

DANRLEY DE LIMA SANTOS

Tópicos do ensino da Língua Portuguesa: alfabeto, prosódia e sintaxe

Alguns assuntos do ensino da gramática da língua portuguesa também podem ser vistos no capítulo *Um Salto*. Brás Cubas relembra: “[...] me incutiu no cerebro o alfabeto, a prosódia, a syntaxe [...]”^{XIII}

Esses assuntos ainda hoje fazem parte do currículo da “grammatica da língua nacional” – maneira pela qual os documentos oficiais chamavam, à época, o componente curricular de Língua Portuguesa. São temas incontornáveis. Em suma, canônicos no ensino dessa importante disciplina.

Mais uma vez, questões relativas à identidade nacional aparecem no próprio ensino da língua pátria. É necessário frisar mais uma vez que, pós-1822, as duas grandes questões que se apresentavam ao recém-criado país eram a organização e estabelecimento do Estado e a “invenção” do povo. É no século XIX que acontecerá, portanto, a chamada gramatização do Português Brasileiro, com o fito de forjar “um sujeito nacional, um cidadão brasileiro com sua língua própria, visível na gramática”^{XIV}.

Reconhecer o “Português Brasileiro” como língua distinta do “Português de Portugal” era uma condição necessária para a consolidação da identidade do “povo brasileiro”. Mas apenas reconhecer não era suficiente. Ensinar às crianças também era tarefa premente. Nesse sentido, “especialistas em disciplinas relativas à linguagem começam a se organizar, juntamente à sistematização de gramáticas nas instituições escolares.”^{XV}

Variados manuais de gramática para as escolas primárias foram produzidos ao logo de todo o século XIX. Entre eles, dois se destacaram, escritos por intelectuais de renome da época.

O primeiro autor é o professor Antonio da Costa Duarte. Em seu *Compendio da Grammatica Portuguesa para uso das Escolas de Primeiras Letras*, publicado em 1829, os tópicos mencionados em *Um Salto* comparecem. Conforme o professor, o estudo da prosódia, isto é, da correta pronúncia das palavras atentando para sua sílaba tônica/accentuação, faz parte do campo da fonologia. Ainda segundo esse mesmo gramático, a sintaxe é um amplo campo de estudo que diz respeito ao estudo das “relações que as palavras tem umas com as outras.”^{XVI} É nesse campo que teremos o estudo das orações, da concordância verbo-nominal e da regência verbo-nominal, por exemplo.

Outro importante autor foi Júlio Ribeiro (1845-1890). Conforme sua *Grammatica Portuguesa*, publicada em 1881, o estudo do alfabeto é um dos temas de estudo da chamada fonética, que, por sua vez, está inserida na chamada fonologia. Sobre a importância dos estudos gramaticais, o autor diz:

Não nos basta usar da linguagem; é mister saber o que constitue a linguagem, e o que nos importa ella. O estudo da linguagem diz-nos muito sobre a natureza e sobre a historia do homem. Como a linguagem é instrumento e o meio principal das operações da mente, claro está que não podemos estudar essas operações e a sua natureza sem um conhecimento cabal da linguagem.^{XVII}

Novamente, fica patente o caráter documental de *Um Salto*. Machado de Assis, ao fazer Brás Cubas rememorar seus tempos de escola, traz à tona aspectos relevantes do Brasil de sua época.

NOS TEMPOS DA PALMATÓRIA: A EDUCAÇÃO OITOCENTISTA EM UM CAPÍTULO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

DANRLEY DE LIMA SANTOS

Uma técnica de ensino: a lição de cór

Continuando no universo escolar, *Um Salto* alude a uma consagrada técnica de ensino utilizada na educação dos jovens do século XIX. Trata-se da lição de cór, citada explicitamente no documento. Diz o defunto-autor: “Que querias tu, afinal, meu velho mestre de primeiras letras? Lição de cór [...]”^{XVIII}

Por mais óbvio que o seu significado possa ser, a consulta aos dicionários de época é incontornável. Assim sendo, a palavra lição aparece no *Diccionario contemporaneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete, com vários significados. Entre eles, o que mais se aproxima da lição de cór é: “A parte de uma disciplina, arte ou sciencia que o professor indica ou explica aos discipulos para depois pela exposição d’elles conhecer o grau de aproveitamento ou desenvolvimento do seu estudo: passar lição; tomar lição.”^{XIX}

Nesse sentido, a lição de cór se confunde com o que hoje se conhece como a prática de decorar e repetir, mecânica e exaustivamente, um determinado assunto. Essa técnica de ensino foi amplamente usada e defendida pelas principais correntes pedagógicas existentes no século XIX.

Dentre tais perspectivas educacionais, nas primeiras décadas do oitocentos, predominou, por força da já referida lei geral da educação de 1827, o método de ensino mútuo, também conhecido como lancasteriano^{XX}. Por essa metodologia,

Cada classe tinha um monitor ou decurião, que tomava a lição dos alunos sob sua responsabilidade. A base da aprendizagem se dava pela constante repetição dos exercícios, levando os alunos a memorização dos conteúdos estudados. Além de um monitor para cada grupo de alunos, havia um inspetor que atendia a esses monitores e auxiliava o professor no repasse das lições e no controle da disciplina.^{XXI}

Em meados do século XIX, entretanto, uma mudança nas abordagens educacionais trouxe para a instrução pública uma outra metodologia. O método mútuo perdeu força e entrou em cena o ensino simultâneo. A nova visão consistia em instruir ao mesmo tempo todos os discentes da classe. As turmas, por seu turno, seriam compostas por alunos com níveis assemelhados de aprendizagem. Conforme o propositor desse método, o pedagogo e sacerdote francês João Batista de La Salle (1651-1719), a seriação deveria ocorrer em “três ordens: a primeira, dos principiantes; a segunda, dos médios; a terceira, dos avançados e dos perfeitos na lição.”^{XXII}

Em que pese as inovações propostas pelo modelo simultâneo, as lições de cor continuaram a ser uma das formas de instruir mais difusas na educação brasileira até o fim do século XIX.

Existem vários relatos de pessoas nascidas nessa centúria e que foram educadas através desse método de ensino. Muitos desses depoimentos foram colhidos e compilados pelo sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987) em *Ordem e Progresso*, publicada em 1957.

Um exemplo desse material pode ser visto no caso de José Ferreira Morais, nascido em 1871, tendo feito seus estudos primários no Recife. José relembra assim seus tempos escolares: “Predominava a sabatina sobre toda a matéria estudada na semana. O professor dispunha os alunos de uma classe em semicírculo na sua frente e fazia pergunta a cada discípulo sobre a matéria a arguir.”^{XXIII}

Na mesma direção, também depõe Carlos Luiz de Vargas Dantas, nascido em 1870, no Rio de Janeiro: “as lições de tabuada eram ditas em voz alta e cantadas. Esse era o método: aprendia-se quase de oitiva e pelo muito de se estudar cantando e gritando.”^{XXIV} Por fim, o

NOS TEMPOS DA PALMATÓRIA: A EDUCAÇÃO OITOCENTISTA EM UM CAPÍTULO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

DANRLEY DE LIMA SANTOS

exemplo de Waldemar Martins Ferreira, nascido em 1885, em São Paulo, é elucidativo. Diz ele: “Tudo era lido e decorado [...] Tudo se aprendia nos livros e decorava-se.”^{XXV}

Como se vê, a “lição de cór” teve amplo uso durante todo o século XIX. Hoje, as novas abordagens pedagógicas a consideram ligada à chamada tendência tradicional do ensino.^{XXVI} Aqui, novamente, constata-se a “janela” para o século XIX que o capítulo *Um Salto* oferece para o pesquisador, ao permitir vislumbrar mais um aspecto educacional desse período.

Uma prática disciplinar do período: o uso da palmatória

Um salto também indicia uma prática disciplinar existente nas escolas brasileiras do século XIX: a temida palmatória. Em determinado trecho, o narrador menciona: “Só era pesada a palmatória, e ainda assim... Ó palmatória, terror dos meus dias pueris [...]”^{XXVII}

Item indispensável para professores do século XIX e parte do XX, a palmatória era, basicamente, conforme um dicionarista da época, um “instrumento com que se castigão os rapazes na palma da mão.”^{XXVIII}

A utilização da palmatória, muito difusa e temida pelos alunos, tinha duas funções básicas: punir o mal comportamento dos estudantes ou a dificuldade de aprendizagem. Ela foi, durante décadas, um forte símbolo de imposição da ordem e da disciplina no ambiente escolar.

O próprio Machado de Assis, em outra obra, nos mostra o terror que a palmatória causava nos jovens oitocentistas. Em *Conto de Escola*, o narrador-personagem assim se refere ao professor Policarpo: “O pior que elle podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janella, á direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendural-a e brandil-a, com a força do costume, que não era pouca.”^{XXIX}

Em alguns casos, o uso da palmatória – o qual deveria ser apenas na palma das mãos, como seu nome denuncia – passava dos limites, como noticia o jornal *A Província de São Paulo* em abril de 1883. Diz o periódico em uma de suas seções:

Castigos Escolares - Mostraram-no hontem um menino de 10 annos que fora castigado em uma escola particular da rua Sete de Abril. A creança tinha o signal, no rosto, de uma forte pancada, e contava haver sido castigado com palmatoria, instrumento que também produziu o ferimento perto do olho esquerdo.^{XXX}

Apesar do exposto, é errôneo pensar que a utilização dos castigos físicos, por ser uma prática amplamente difusa no ensino primário e secundário, tanto em escolas públicas quanto particulares, não foi combatido. Muitos foram os defensores da abolição da palmatória no universo escolar daquele tempo. Dentre eles, as figuras mais destacadas no século XIX foram os educadores Nísia Floresta (1810-1885) e Abílio Cesar Borges (1824-1891).

Nísia Floresta, professora e poetisa, nasceu no Rio Grande do Norte. Essa educadora fundou escolas para meninas em Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro, além de ter colaborado com artigos em jornais do Rio de Janeiro.^{XXXI}

A obra na qual Nísia Floresta desaprova o uso da palmatória chama-se *Opúsculo Humanitário*, lançada em 1853. Diz a educadora, em certo trecho do livro:

As escolas de ensino primário tinham antes o aspecto de casas penitenciarias do que de casas de educação. O methodo da palmatoria e da vara era geralmente adaptado como o melhor incentivo para o desenvolvimento da intelligencia! Não era raro ver-se nessas escolas o bárbaro uso de estender o menino, que não havia bem cumprido

NOS TEMPOS DA PALMATÓRIA: A EDUCAÇÃO OITOCENTISTA EM UM CAPÍTULO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

DANRLEY DE LIMA SANTOS

os seus deveres escolares, em um banco, e aplicarem-lhe o vergonhoso castigo do açoite!^{XXXII}

Seguindo esse mesmo ponto de vista, temos Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas. Esse educador nasceu na Bahia e morreu no Rio de Janeiro. Formou-se em Medicina e se dedicou à educação tendo sido diretor de instrução pública da província da Bahia e fundado duas escolas: o Ginásio Baiano, em Salvador, e o Colégio Abílio, no Rio de Janeiro.^{XXXIII}

Combateu, através da imprensa, a utilização dos castigos físicos como métodos disciplinares e, em 1876, publicou uma compilação de seus artigos chamada *Vinte e dois anos de propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes ao ensino da mocidade*. Em um de seus textos, Abílio enfatiza:

[...] a palmatória, além de fazer a escola antipática, sinão odiosa para as frágeis crianças, transformando-a em um lugar de tristezas e lágrimas em vez de um lugar de alegrias e risos, torna a profissão do mestre a mais penosa, desagradável e triste das profissões, reduzindo-o de amigo e pai, que deve ser, á condição de inimigo ou algoz dos discípulos.^{XXXIV}

Posições favoráveis ou contrárias a parte, o fato é que a utilização da palmatória foi uma forte marca a impor disciplina nas escolas oitocentistas, posto que “[...] representava um símbolo de poder, de hierarquia, de diferenças geracionais e de instrumento civilizatório.”^{XXXV}

Necessário frisar, ainda, que a naturalização do castigo físico como meio de correção de posturas e aprendizado, numa sociedade marcada secularmente pelo escravismo e suas consequentes mazelas, explica a ampla difusão da palmatória nos meios escolares do oitocentos.

Considerações finais

O exame de *Um Salto* nos ofereceu a possibilidade de entrever alguns traços da escola brasileira do século XIX. Entre os principais aspectos elencados e aqui examinados, destacaram-se as habilidades demandadas dos alunos do período, os principais tópicos no incipiente ensino da gramática portuguesa, a técnica de ensino por meio das lições de cór e o uso da palmatória como meio de disciplinamento de condutas no ambiente escolar.

Obviamente, o exercício de análise empreendido neste texto não esgotou esse breve, porém rico capítulo da obra do aclamado escritor fluminense. Muitos outros traços do Brasil da época de Machado de Assis poderiam ser “escavados” e analisados. Entretanto, a pequena amostra apresentada demonstra a fecundidade da literatura para a pesquisa histórica, em particular no campo da História da Educação.

Notas

^I Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor da rede pública municipal de São Cristóvão-Se. E-mail: danrleyufs@gmail.com. O trabalho foi apresentado pela primeira vez na Oficina de Análise e Interpretação de Fontes Históricas, coordenada pelo prof. Dr. Francisco José Alves (DHI/UFS), em 2019.

^{II} CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 7.

^{III} Optamos por manter a grafia de época do documento. Da mesma forma, outras menções diretas a fontes primárias tiveram sua grafia original preservada ao longo do trabalho.

^{IV} ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Um Salto*. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, tomo 4, p. 16-18, 1 abr. 1880.

NOS TEMPOS DA PALMATÓRIA: A EDUCAÇÃO OITOCENTISTA EM UM CAPÍTULO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

DANRLEY DE LIMA SANTOS

- ^V RODRIGUES, José Honório. História e Literatura. **A pesquisa histórica no Brasil**. 3ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p. 176.
- ^{VI} GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.
- ^{VII} GLEDSON, John. (Org.). Sobre o autor. **50 Contos de Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 483-485.
- ^{VIII} COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 206-207.
- ^{IX} BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 160.
- ^X ASSIS, op. cit., p. 16
- ^{XI} Lei de 15 de outubro de 1827. **Collecção de Leis do Império do Brazil**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, pt.1, 1878, p. 71-73.
- ^{XII} FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 137.
- ^{XIII} ASSIS, op. cit., p. 16
- ^{XIV} MOTA, Nahendi Almeida; CERQUEIRA, Ingrid Bonfim; DE AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan. Gramatização do português brasileiro nos séculos XIX e XX e início do século XX. **Entrepalavras**, Fortaleza, v.7, p. 554, ago./dez. 2017.
- ^{XV} Ibid., p. 555.
- ^{XVI} DUARTE, Antonio da Costa. **Compendio da Grammatica Portugueza para uso das Escolas de Primeiras Letras**. Maranhão: Typographia Nacional, 1829, p. 64.
- ^{XVII} RIBEIRO, Julio. **Grammatica Portugueza**. 2ed. São Paulo: Teixeira & Irmão, Editores, 1885, p. 2
- ^{XVIII} ASSIS, op. cit., p. 16
- ^{XIX} AULETE, Caldas. Licção. **Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881, tomo 2, p. 1061
- ^{XX} O nome do método é uma alusão ao seu criador, o pedagogo inglês Joseph Lancaster (1778-1838).
- ^{XXI} CASTANHA, André Paulo. Os métodos de ensino no Brasil do século XIX. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, v. 17, n.4, p. 1557-1558, out./dez. 2017.
- ^{XXII} Ibid., p. 1061
- ^{XXIII} FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. São Paulo: Global, 2013, p. 162.
- ^{XXIV} Ibid., p. 153.
- ^{XXV} Ibid., p. 159.
- ^{XXVI} LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. **Democratização da escola pública: a pedagógica crítico-social dos conteúdos**. 28ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p.25.
- ^{XXVII} ASSIS, op. cit., p. 16
- ^{XXVIII} PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832, p. 780.
- ^{XXIX} ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Conto de Escola. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1884, p. 1
- ^{XXX} Castigos Escolares. **A Província de São Paulo**. São Paulo, 26 de abril de 1883, p. 2.
- ^{XXXI} GASPARG, Lúcia. Nísia Floresta. **Fundação Joaquim Nabuco**, Recife, 5 out. 2017. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=199%3Anisia-floresta&catid=61%3Aletra-n&Itemid=1. Acesso em: 01 jun. 2021.
- ^{XXXII} FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**. Rio de Janeiro: Typographia de M. A. Silva Lima, 1853, p. 58.
- ^{XXXIII} Abílio Cesar Borges, barão de Macaúbas. **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/acborges.html>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- ^{XXXIV} BORGES, Abílio Cesar. **Vinte anos de propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade**. Rio de Janeiro: Typographia Cinco de Março, 1876, p. 44.
- ^{XXXV} ARAGÃO, Milena; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Práticas de castigos escolares: enlances históricos entre normas e cotidiano. **Conjectura**, v. 17, n.2, p. 25, maio/ago. 2012.

Referências bibliográficas:

Abílio Cesar Borges, barão de Macaúbas. **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/acborges.html>. Acesso em: 01 jun. 2021.

Boletim Historiar, vol. 09, n. 02. Abr./Jun. 2022, p. 32-42 | <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>

NOS TEMPOS DA PALMATÓRIA: A EDUCAÇÃO OITOCENTISTA EM UM CAPÍTULO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

DANRLEY DE LIMA SANTOS

ARAGÃO, Milena; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Práticas de castigos escolares: enlances históricos entre normas e cotidiano. **Conjectura**, v. 17, n.2, p. 17-36, maio/ago. 2012.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Um Salto. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, tomo 4, p. 16-18, 1 abr. 1880.

_____. Conto de Escola. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1884, p. 1

AULETE, Caldas. **Dicionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.

BORGES, Abílio Cesar. **Vinte anos de propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade**. Rio de Janeiro: Typographia Cinco de Março, 1876.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

Castigos Escolares. **A Província de São Paulo**. São Paulo, 26 de abril de 1883.

CASTANHA, André Paulo. Os métodos de ensino no Brasil do século XIX. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, v. 17, n.4, p. 1554-1577, out./dez. 2017.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DUARTE, Antonio da Costa. **Compendio da Grammatica Portugueza para uso das Escolas de Primeiras Letras**. Maranhão: Typographia Nacional, 1829.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**. Rio de Janeiro: Typographia de M. A. Silva Lima, 1853.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. São Paulo: Global, 2013.

GASPAR, Lúcia. Nísia Floresta. **Fundação Joaquim Nabuco**, Recife, 5 out. 2017. Disponível em:

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=199%3Anisia-floresta&catid=61%3Aletra-n&Itemid=1. Acesso em: 01 jun. 2021.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GLEDSON, John. (Org.). **50 Contos de Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Boletim Historiar, vol. 09, n. 02. Abr./Jun. 2022, p. 32-42 | <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>

**NOS TEMPOS DA PALMATÓRIA: A EDUCAÇÃO OITOCENTISTA EM UM
CAPÍTULO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**

DANRLEY DE LIMA SANTOS

Lei de 15 de outubro de 1827. **Colleção de Leis do Império do Brazil**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, pt.1, 1878, p. 71-73.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagógica crítico-social dos conteúdos. 28ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MOTA, Nahendi Almeida; CERQUEIRA, Ingrid Bonfim; DE AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan. Gramatização do português brasileiro nos séculos XIX e XX e início do século XX. **Entrepalavras**, Fortaleza, v.7, p. 552-567, ago./dez. 2017.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

RIBEIRO, Julio. **Grammatica Portugueza**. 2ed. São Paulo: Teixeira & Irmão, Editores, 1885.

RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**. 3ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.